

# PRÁTICAS DE UMA EDUCAÇÃO POPULAR NA AGRICULTURA FAMILIAR ATRAVÉS DAS SEMENTES DA PAIXÃO EM ALAGOA NOVA-PB

Autor: Severino Justino Sobrinho.

Graduado em Geografia. Cursa especialização em Análise Regional e Ensino de Geografia pela UFCG. Email: [severinojustinogeografo@gmail.com](mailto:severinojustinogeografo@gmail.com)

## RESUMO:

Este trabalho versa sobre as práticas da Educação Popular na Agricultura Familiar pelas Sementes da Paixão no Município de Alagoa Nova –PB, que dispõe de diversos bancos de Sementes comunitários. As sementes Crioulas constituem verdadeiras relíquias para a Agricultura Familiar. Os bancos de sementes são instrumentos que garante autonomia ao camponês. Objetivamos com isso enaltecer a cultura agrícola familiar e a prática de uma Educação Popular através dos movimentos sociais na busca por uma coletividade em meio ao modelo econômico hegemônico. No Agreste Paraibano entidades como o Polo Sindical da Borborema promovem e organizam a distribuição dessas sementes a diversos agricultores. As visitas a campo como nos Sítios Ribeiro, Pau Darco, São Tomé Geraldo e no sindicato dos Trabalhadores de Alagoa Nova permitiram uma análise qualitativa dos dados, e a utilização de meios tecnológicos para captação de fotos, entrevistas com as lideranças e agricultores facilitaram a catalogação e estruturação das ideias centrais desta pesquisa. Utilizamos autores que discorrem sobre as diversas temáticas da questão agrária no Brasil e na Paraíba e Educação Popular não formal. Dentre esses destacamos Altieri (2012), Oliveira (2007), Harvey (2005), Gonh(2010), Silva (2006), Stédile (1997), Abordando temas como Agroecologia, Questão agrária, Camponês, Feiras Agroecológicas, Educação Popular. A Agricultura Familiar nos últimos anos vem sendo bombardeada por novas tecnologias agrícolas que tendem a diminuir ou extinguir as Sementes Nativas. As sementes da Paixão são verdadeiros tesouros guardados por sindicatos, associações ou pela agricultura de pequena escala.

**Palavras Chaves:** Sementes da Paixão, Educação Popular, Pólo Sindical, Agricultura Familiar.

## ABSTRACT:

This paper examines the practices of Popular Education in Family Farming by Seeds of Passion in the City of Nova Alagoa -PB, which features several banks Seed Community. The Creole seeds are true relics for Family Agriculture. Seed banks are instruments that guarantees autonomy to the peasant. We aim to uplift this family farming culture and the practice of popular education through social movements in pursuit of a collectivity amidst the hegemonic model. In Paraíba arid entities such as the Trade Union Polo Borborema promote and organize the distribution of seeds to various farmers. The field visits to the Sites Ribeiro, Pau Darco, São Tomé and Geraldo union workers Alagoa Nova allowed a qualitative analysis, and the use of technological means to capture photos, interviews with leaders and farmers facilitated the cataloging and structuring of the core ideas of this research. Authors used that discuss various topics of the agrarian question in Brazil and Paraíba and Popular Non-formal education. Among these we highlight Altieri (2012), Oliveira (2007), Harvey (2005), Gonh (2010), Silva (2006), Stédile (1997), addressing topics such as agroecology, Agrarian Question, Peasants, Trade Agroecology, Popular Education. The Family Farming in recent years has been bombarded by new agricultural technologies that tend to diminish or extinguish native seeds. The seeds of the Passion are true treasures guarded by unions, associations or by small-scale agriculture.

**Key words:** Seeds of Passion, Popular Education, Union Pole, Family Farming.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva destacar as práticas de uma Educação Popular através das Sementes da Paixão da Agricultura Familiar em Alagoa Nova Agreste da Paraíba. Este trabalho serve como construção de saberes educativos nas práticas coletivas através dos movimentos sociais de gerações em gerações através das Sementes Nativas ou Sementes da Paixão, desenvolvidos por um modelo de educação não formal, corroborando com Gohn (2010). A Região Agreste do estado da Paraíba concentra uma agricultura diversificada e clima favorável para uma vasta produção agrícola de subsistência camponesa ou de exportação. O município de Alagoa Nova possui uma produção agrícola majoritariamente baseada nas práticas agrícolas convencionais, com o uso de produtos químicos para acelerar a produção da agricultura, contudo, várias famílias trabalham sob os princípios da sustentabilidade social e ambiental com preservação das sementes nativas, em meio a lógica dominante do capitalismo agrário

A lógica de como a sociedade brasileira vem caminhado perdura desde os tempos coloniais com um maior com a classe dominante sendo amparada pelos governantes, principalmente na legalização das terras de 1850, segundo Stédile (1997, p.10):

Essa lei determinava que somente poderia ser considerado proprietário da terra quem legalizasse sua propriedade nos cartórios, pagando certa quantidade em dinheiro para coroa. Essa lei discriminou pobres e impediu que os escravos libertos se tornassem proprietários.

Essa lei aumentou ainda mais os latifúndios no Brasil e foi excluindo aos poucos a classe camponesa, pois esta tinha poucos recursos financeiros para aprimorar seus cultivos. Surge desta forma lutas populares através dos movimentos sociais através da coletividade em busca de uma igualdade na luta diária por melhores condições de vida.

Vive-se hoje numa lógica dominante através de uma economia capitalista onde o lucro está acima dos ideais humanos dos menos favorecidos, onde a lógica resulta numa cultura de lucro para o sistema, onde se nega a identidade e as subjetividades locais.

As construções de identidades territoriais camponesas são primordiais para a conquista e autonomia agrícola do homem do campo. Nessas construções estão incluídos todas as associações locais e regionais que e os sindicatos que eles estão associados, isso fortalece a produção agrícola e manifestações de apoio a uma agricultura que agrida o mínimo possível o ambiente e a saúde humana. Essas articulações são importantes para evitar a monopolização pela agricultura capitalista, que tende, segundo Harvey (2005.p.48) “em uma transformação da agricultura de subsistência do camponês em agricultura empresarial”. Havendo uma dependência as grandes empresas capitalistas.

A dependência de sementes para a produção de hortaliças fica clara neste relato e comprova que existe a dependência de sementes, que por sua vez são adquiridas nos centros urbanos principalmente em lojas de produtos agrícolas nas cidades de Lagoa Seca e Campina Grande. Neste sentido as novas tecnologias agrícolas fazem com que as sementes não se reproduzem, o que torna o camponês dependente desses insumos transgênicos.

As possibilidades do campo educacional desta pesquisa vai além dos muros escolares, pois os idealizadores das Sementes da Paixão, pois seus discursos de seus idealizadores promovem valores na vivencia comunitária e ao repassarem seus costumes sua cultura através das sementes nativas.

Silva(2006) ressalta que é exatamente por se estar numa realidade contraditória que desumaniza a existência de uma maioria em função da manutenção de privilégios de poucos que se faz necessário esse tipo de educação popular para atuar numa realidade cheia de adversidades, de problemas econômicos, sociais, culturais, alertando para questões ambientais, contemplando aspectos subjetivos.

Indo de encontro as lógicas capitalistas diversos agricultores do compartimento da Borborema em diversas municípios do Agreste mantem-se vinculados às diversas entidades que lhes dão respaldo legal como as associações rurais e sindicatos de trabalhadores rurais, para fortalecer a agricultura familiar e resgatar diariamente a dignidade do homem do campo através das Sementes Nativas. Essas sementes são chamadas na Paraíba de Sementes da Paixão, de acordo com o presidente do sindicato dos trabalhadores rurais de Alagoa Nova - PB. A riqueza genética dessas sementes é importante para o manejo sustentável das espécies.

No município de Alagoa Nova há seis bancos de sementes comunitários nos sítios Ribeiro, São Tomé, Pau D`arco, Gameleira, Geraldo, dentre outro. Há também uma infinidade de banco de sementes guardados por famílias da agricultura de subsistência.

A produção busca dentre outras ações a valorização de sua produção e conseqüentemente uma maior aceitação por parte da população em meio as grandes redes atacadistas alimentícias que existem no mercado financeiro. A autonomia agroecológica a que nos referimos busca valorizar os aspectos culturais locais de cada agricultor através da Sementes da Paixão.

## **METODOLOGIA**

Na construção metodológica, procuramos realizar trabalhos de campo nas áreas estudadas que foram importantes para o desenvolvimento da pesquisa. Aplicamos diferentes recursos tais como registros fotográficos, filmagens, aplicação de entrevistas com câmaras digitais e de celulares, como também questionários aos camponeses e trabalhadores assalariados. Essas pesquisas de campo ocorreram no Sítio Ribeiro e no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Nova. Esses dados serviram para quantificar e qualificar a pesquisa. A pesquisa empírica dará respaldo para o conhecimento da realidade e o modo de viver comunitário.

A abordagem qualitativa da pesquisa através das pesquisas de campo nos deu respaldo as respostas e indagações das localidades analisadas. Nas entrevistas com os camponeses do Sítio Ribeiro, constatamos seus anseios e conquistas. A partir das análises das entrevistas selecionamos os relatos para a construção da pesquisa e respaldo temático. Essas entrevistas ofereceram-nos dados históricos da localidade, processos de construção da agroecologia na região e perspectivas dos camponeses.

## **ANÁLISE DOS RESULTADOS**

A educação popular tem como um de seus objetivos o desenvolvimento do homem e da mulher em toda a sua dimensão física, intelectual, afetiva, emocional, profissional, econômica, social e pode ser comparada a uma terapia coletiva, em que são evidenciados os problemas e alternativas, sendo uma educação das ações coletivas. No ambiente da coletividade e fora dela, aquelas pessoas podem falar, ouvir, dialogar sobre

suas vidas e conseqüentes elaborações possíveis capazes de se perceberem enquanto sujeitos “condicionados” por uma realidade social, por um sistema com sua lógica e seus propósitos de sociedade. A medida que o sujeito vai se expressando também possibilita a comunicação com os outros e a re-elaboração do seu próprio pensamento, numa prática de Educação não formal.

Educação não formal, ela é constituída por escolhas ou sob certas condicionalidades, há intencionalidades no seu desenvolvimento, o aprendizado não é espontâneo, não é dado por características da natureza, não é algo naturalizado. (GONH,2010, p.16)

Essa educação não formal é percebida e realizada nas comunidades pesquisadas em Alagoa Nova, onde existem poucas sementes produzidas pelos camponeses, como: feijão, milho, fava, guandu e frutíferas, em uma cultura que perpassa gerações. Os mesmos camponeses são apoiados por instituições como a Ecoborborema e a AS-PTA para o fortalecimento da Agricultura Familiar.

Segundo relato de um agricultor do Ribeiro: “*Às vezes eu compro minha semente de coentro, mas o resto eu produzo espinafre eu produzo ,o milho ,o feijão, a fava.* Os camponeses estão sujeitos ao mercado externo para produzir boa parte de suas produções com sementes que podem ser transgênicas.

A gente tem essa dificuldade pra produzir as sementes a maioria é comprada nas lojas que vende, a gente produz muito pouco aqui de coentro. Tem que comprar a semente. O coentro dar é a única que dar porque outras essas hortaliças é difícil demais de produzir visse e o alface americano é caro a semente e é difícil de produzir só eles lá é que tem as tecnologias pra elas germinar porque aqui as sementes elas não nasce não visse. Sementes de hortaliças não têm, têm de feijão essas coisas mais isso aí não. (Camponês do Sítio Ribeiro: 11/06/2013)

No Sítio Ribeiro há famílias que mantêm em seus domínios variedades de banco de sementes crioulas o que favorece uma agricultura livre de sementes transgênicas, fortalecendo as diversas variedades locais. As sementes transgênicas afetam tanto direto como indiretamente as práticas agrícolas e a saúde humana. Pesquisas indicam que a alimentação transgênica afeta diretamente a saúde e não há uma divulgação da nocividade dessas sementes.

A nocividade e os riscos dos alimentos e forragens transgênicas não foram suficientemente analisados, configurando assim um abuso contra os consumidores, ao fazer deles cobaias involuntárias e desinformadas. Os processos de liberação desses produtos não são padronizados e muito menos tornados públicos. Ao contrário, os processos de liberação desses produtos são manipulados até obter os

resultados desejados, ou ficam inacessíveis ao público. (ANDRIOLI; FUCHS, 2008.p.19)

Empresas que dominam a tecnologia agrícola transgênica no mundo exercem influências em órgãos estatais para que seus produtos sejam difundidos e “aceitos” pelos órgãos estatais que deveriam controlar esses produtos. Essas empresas tendem a unificar a agricultura no mundo, que na atualidade é liderado pelos Estados Unidos. Segundo Andrioli e Fuchs (2008.p.34) “Os EUA não mantêm apenas uma posição de liderança no cultivo de plantas transgênicas, mas também entre os fornecedores de sementes transgênicas e de agrotóxicos”. As principais empresas que fornecem alimentação transgênica e agrotóxica concentram-se nos Estados Unidos que comandam essas tecnologias em todo mundo.

As conquistas de autonomia e produção camponesa na região Agreste da Paraíba tornou as práticas agrícolas agroecológicas da Agricultura Familiar acessíveis às pessoas de diferentes classes sociais o consumo alimentar saudável e de boa qualidade nutricional tanto para os moradores do campo, mas principalmente aos citadinos. Esses valores podem ser representados pelo conhecimento de formas de produção e manejo agrícola que passa de pai para filho através das sementes nativas selecionadas para plantio no ano vindouro.

Dados do sindicato dos trabalhadores rurais de Alagoa Nova, segundo relatos do presidente do sindicato que está há mais de vinte anos ocupando o cargo, mostra a importância das sementes crioulas no compartimento da Borborema. “No Polo Sindical nós temos 82 bancos comunitários e nós temos vários bancos de sementes familiares. O banco de sementes comunitário é aquele que guarda as sementes de vários agricultores em um lugar e entrega no tempo de plantio” (Nequinho- 02/07/2013). Percebe-se intrinsecamente uma Educação Popular na tentativa de elucidar a importância das Sementes da Paixão baseada na coletividade e na troca de sementes na tentativa da continuidade e fortalecimento dessa cultura, resistindo aos processos capitalistas.

O polo Sindical da Borborema é uma organização que reúne quatorze sindicatos que trabalham juntos, foi criado em 1996, inicialmente com oito sindicatos, o intuito da criação era para unificar as ações sindicalistas. De acordo com Manuel A. Oliveira os sindicatos exerceram forte influência na consolidação da Agricultura Familiar na região Agreste.

Já existia agricultura familiar que trabalhava sem veneno, sem agrotóxico, com uma parceria com a AS-PTA, que trabalhava no município de Remígio, Solânea e Lagoa Seca. Depois nós criamos o

Polo Sindical da Borborema, implantando a agricultura familiar livre de agrotóxico em oito municípios. (Nequinho: 02/07/2013).

O Pólo Sindical da Borborema trabalha com vários eixos: Cultivo ecológico, sementes, criação animal, Saúde e alimentação e a comissão da água que trabalha com cisternas de placa. Nequinho (Presidente do Sindicato) ressalta que as sementes selecionadas são muito importantes e rentáveis para o agricultor e deve-se preservar as sementes: *“Se nós não tivermos cuidado os agricultores ficam dependentes dessas sementes transgênicas, de laboratório, porque se você vê um quilo de milho transgênico é dezessete reais e um quilo de milho jabatão (crioulo) é dois reais”*. A seguir temos um camponês do sítio Ribeiro com suas sementes crioulas;



Camponês e o seu banco de sementes. Fonte: (Severino J. Sobrinho-25/06/2013).

O Polo Sindical mantém uma parceria com a CONAB (Companhia Nacional de Abastecimento), onde há o armazenamento das sementes por parte dos sindicatos, onde compram as sementes dos trabalhadores e no plantio seguinte repassa para o plantio.

Os pequenos agricultores tradicionais cultivam uma grande variedade de cultivares. Muitas dessas plantas são variedades crioulas cultivadas a partir de sementes que são passadas de geração a geração, geneticamente mais heterogêneas do que as cultivares modernas e, portanto, oferecendo maior defesa contra vulnerabilidades e aumentando a segurança da colheita em meio a doenças, pragas, secas e outras adversidades. (ALTIERI, 2012. P.374).

A importância da preservação das sementes crioulas é fundamental para o desenvolvimento das práticas educativas e manutenção dos saberes na localidade, e autonomia agrícola, afastando a submissão dos agricultores das grandes empresas multinacionais que detém o monopólio das sementes transgênicas.

Combater as empresas transnacionais que querem controlar as sementes, a produção e o comércio agrícola brasileiro, como a Monsanto, Syngenta, Cargill, Bunge, ADM, Nestlé, Basf, Bayer, Aracruz, Stora Enso, entre outras. Impedir que continuem explorando nossa natureza, nossa força de trabalho e nosso país.[...].Defender as sementes nativas e crioulas. Lutar contra as sementes transgênicas. Difundir as práticas de agroecologia e técnicas agrícolas em equilíbrio com o meio ambiente. (OLIVEIRA, 2007.p.161).

Os agricultores que mantêm sementes crioulas são guardiões de uma riqueza milenar. De acordo com Manuel Antonio de Oliveira, o município de Alagoa Nova tem seis bancos de sementes comunitárias distribuídos em associações comunitárias. Muitos agricultores por estarem associados a Ecoborborema não se associaram as associações locais, mas mesmo assim mantêm o vínculo coletivo enaltecendo a Agricultura Familiar.



Associação do Ribeiro e o Banco de sementes do Polo Sindical da Borborema  
Fonte: (Severino J. Sobrinho-25/06/2013).

Na associação do sitio Ribeiro está guardada um dos seis bancos de sementes do município, existe só nesta associação cerca de trezentos quilos de sementes armazenadas. O presidente do sindicato ressalta que muitos agricultores do município recebem sementes do governo através da EMATER-PB, mas que são paliativas e geneticamente modificadas e nunca chega no tempo do plantio, ele ainda diz que “as sementes transgênicas não servem pra todo tempo e faz mal pra saúde, muitas vezes nem se adapta a terra porque são todas padronizadas e que é uma dificuldade que os

agricultores encontram”. Daí a importância dos bancos de sementes para se opor a esse modelo hegemônico, buscando uma maior cidadania e autonomia da Agricultura Familiar.

As ações educativas com as Sementes da Paixão são uma perspectiva em defesa não apenas do acesso à educação para as pessoas envolvidas, mas também o despertar para as mudanças sociais. O desafio é como pensar na emancipação do sujeito social inserido numa situação de exclusão não por opção, mas por condicionantes do sistema que o exclui, buscando uma autonomia produtiva na Agricultura Familiar. As sementes que existem são em sua maioria de feijão, milho e favas.

## **CONCLUSÃO**

Os sujeitos sociais envolvidos no Banco de Sementes da Paixão constituem-se como sujeitos capazes de modificar a realidade em que vivem, a pesar de práticas hegemônicas tentarem homogeneizar a cultura nas localidades. Com o saber tradicional dos camponeses, tiraram das amarras a que estavam submissos as grandes corporações, apesar de alguns camponeses ainda não se desprenderem das submissões a que estão envolvidos.

Desta forma, compreende-se a pequena propriedade, policultivos que garantem uma produção altamente produtiva durante o ano e conseqüentemente com menor intensificação de pragas do que se fosse uma monocultura de larga escala. Os microterritórios da pequena agricultura são lugares para o resultado final destinado as sementes da Paixão.

As sementes crioulas são verdadeiras relíquias camponesas selecionadas de geração para geração de forma natural, este fato mantém sua liberdade de produzir uma semente adequada à especificidade de cada lugar e de cada microclima. Isso dificulta a entrada de sementes geneticamente modificadas e das empresas que desenvolvem estas sementes genéticas, mas é de fundamental importância a união camponesa para permanecerem autônomos sem ser escravizados e manipulados por empresas multinacionais, mantendo a cultura e variedade local, numa prática educativa através de suas lideranças sociais em um modelo descentralizado.

O Banco de Sementes comunitárias e familiares mantém a dignidade camponesa. Apesar do banco de sementes mantido pelos agricultores e sindicatos rurais ainda não ser suficiente em termos quantitativos, a preservação das sementes crioulas para a produção camponesa é fundamental para a perpetuação dos saberes locais e das

Sementes Nativas, compreendendo neste caso os pertencimentos culturais em uma troca de saberes e construção de relações sociais baseadas no princípio da igualdade.

A busca pela soberania alimentar parte da preservação das sementes crioulas para não depender das empresas capitalistas. Com isso deve haver mais políticas públicas de valorização camponesa que preservem as sementes nativas de cada localidade, favorecendo uma vida saudável com preservação das espécies e do meio ambiente, com fortalecimento coletivo e troca de sementes.

## **REFERENCIAS**

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia**. A Dinâmica produtiva da agricultura sustentável. 5. Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

ANDRIOLI, Antônio Inácio; FUCHS, Richard. **Transgênicos: As sementes do mal- A silenciosa contaminação de solos e alimentos**. 1ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social: Atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo: Cortez, 2010.

GOHN, Maria da Glória. **Novas Teorias dos movimentos sociais** 3. Ed. São Paulo: Loyola, 2010.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.252p.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Modo de produção capitalista, agricultura e reforma agrária**. FFLC: São Paulo, 2007.185p.

SILVA, Nelsânia Batista da. **Educação popular e subjetividade na feira agroecológica** – João Pessoa, 2006

STÉDILE, João Pedro. *Questão agrária no Brasil*. São Paulo: Atual, 1997.

